



PARA ALÉM DO SURREALISMO: A PERSISTÊNCIA DO SONHO

Marcelo Eugenio Soares Pereira¹
Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO

Neste resumo expandido proponho algumas reflexões acerca das relações entre pintura e sonho noturno na minha produção artística recente. A metodologia, de ordem qualitativa, do tipo descritiva e exploratória, consiste na análise do processo constitutivo de uma pintura em aquarela inspirada nos meus sonhos. Para isso, busco uma revisão do surrealismo a partir das contribuições de Argan (2013) e De Micheli (2004). Ademais, sugiro um olhar para o fenômeno onírico amparado nas contribuições de Freud (2018), bem como defendo a hipótese de que, para além do surrealismo, o sonho permanece como potencial temática na arte atual.

PALAVRAS-CHAVE

Sonho. Pintura. Aquarela. Surrealismo.

Sonho, surrealismo e psicanálise

Originado na França e desenvolvido principalmente durante as décadas de 1920 e 1930, o surrealismo se caracterizou por um profundo interesse pelos aspectos ilógicos e estranhos do mundo e da psique humana. Para isso, os surrealistas criaram métodos com a intenção de liberar os conteúdos inconscientes e explorá-los das mais variadas maneiras; desde técnicas mais espontâneas, como as de Juan Miró e Marx Ernst, até o estilo detalhado de René Magritte e Salvador Dalí, passando pelas *assemblages*. Por sua vez, as características misteriosas da pintura metafísica, criada por Giorgio De Chirico em torno de 1913, influenciaram o surgimento do surrealismo e divergem dele, principalmente, por uma preocupação mais acentuada pela representação arquitetônica (CHILVERS, 2001).

Em termos técnicos, o surrealismo leva adiante a ousadia do dadaísmo, seja no cinema, na fotografia ou na produção de objetos. No entanto, os surrealistas incluem as técnicas tradicionais, sobretudo entre aqueles artistas mais interessados na temática onírica, já que elas parecem estar mais de acordo com a escrita automática, ou porque a irracionalidade das imagens representadas se torne ainda mais evidente ao serem dotadas de uma aparência tradicional (ARGAN, 2013). Vejamos em que medida a então recém lançada teoria freudiana a respeito do inconsciente teve impacto sobre o surrealismo.



Em sua obra inaugural (*A interpretação dos sonhos*), Sigmund Freud (2018) busca evidenciar o caráter científico do sonho e o define como uma ação psíquica autêntica, cuja origem é sempre a realização de um desejo inconsciente. Para que o conteúdo latente do sonho, geralmente reprimido pelo ego do sonhador, consiga acessar a consciência, ele é deformado pela censura psíquica, que o apresenta em sua aparência de conteúdo manifesto, de onde resulta o aspecto absurdo da maioria dos sonhos (FREUD, 2018). Em outras palavras, o conteúdo latente seria o cerne do sonho, enquanto o conteúdo manifesto (aquilo que experienciamos e relatamos) constituiria uma espécie de disfarce para o primeiro.

Ao esmiuçar os meandros da formação dos sonhos, o autor revela a existência e importância do inconsciente, abrindo um caminho inovador no tratamento e, acima de tudo, na compreensão da nossa vida psíquica.

Em seu afã pelo novo, bem entendemos as razões que levaram os surrealistas a encontrarem, na recém surgida psicanálise, um manancial de técnicas, assim como um aporte teórico para seus procedimentos artísticos. Corrobora com essa ideia a afirmação de Mário De Micheli (2004, p. 156) de que: “Com seus estudos específicos sobre a psicologia do sonho [...], Freud forneceu, a esta revolução a ser levada a cabo no indivíduo, algumas armas insubstituíveis”.

A respeito do amplo alcance do grupo surrealista, De Micheli (2004, p. 169) assinala que: “Saindo dos limites do preceituário bretoniano primitivo, o surrealismo acabou difundindo-se e permeando as buscas de um número cada vez maior de pintores e escultores”.

Assim, espalhado para o restante do mundo, o movimento encontrou, sobretudo na América Latina e na América do Norte, um campo profícuo para sua exploração devido à cultura ancestral e indígena ligada ao universo dos mitos, ritos e fábulas, que em muito encontram ressonância com as premissas surrealistas de novamente reunir sonho e vigília, fantasia e realidade, inconsciente e consciente (PONGE, 1999). Nessa perspectiva, de acordo com Enrique Molina (1999, p. 25): “O surrealismo é, de certo modo, um estado natural da América”.

Sonhar na contemporaneidade

Em suas reflexões acerca do capitalismo contemporâneo Jonathan Crary desvela os mecanismos capitalistas que estão por detrás das tentativas de extinção do sono e, conseqüentemente, do sonho, na atualidade. De acordo com ele, vivemos imersos em uma cultura de produção e consumo ininterruptos, vinte e quatro horas por dia, durante sete dias por semana: o ritmo 24/7 (CRARY, 2016).

Logo, se as atividades laborais e o capitalismo tão fortemente enraizado em tantas esferas da nossa cultura, nos impedem de dormirmos durante as horas adequadas a um sono reparador, existirá ainda lugar para o sono na vida contemporânea?



O sono afirma a ideia de uma necessidade humana e de um intervalo de tempo que não pode ser colonizado nem submetido a um mecanismo monolítico de lucratividade, e desse modo permanece uma anomalia incongruente e um foco de crise no presente global. Apesar de todas as pesquisas científicas, frustra e confunde qualquer estratégia para explorá-lo ou redefini-lo. (CRARY, 2016, p. 20).

Desse modo, a despeito de todas as tentativas de suprimi-lo, o sono permanece sendo uma necessidade fundamental, bem como o sonho. Prosseguindo em suas considerações, o autor aponta que durante o transcurso da modernidade, acompanhada pela prevalência de um ideal racionalista:

A capacidade imaginativa do sonhador foi implacavelmente erodida, e o papel do visionário foi reservado a uma minoria tolerada de poetas, artistas e loucos. A modernização não poderia prosseguir num mundo povoado por uma massa de indivíduos convencidos do valor ou potência de suas próprias vozes ou visões. (CRARY, 2016, p. 115).

Nesse sentido, por suas capacidades intrínsecas de valorizar nossos aspectos interiores e alargar nosso potencial subjetivo, talvez a arte, quando atrelada ao sonho, possa auxiliar sobremaneira na retomada da relevância da experiência onírica.

Sonho e processo artístico



Imagem 1. *Canção de ninar*, aquarela sobre papel, 30x42 cm, 2019.



Em minha pesquisa de mestrado (PEREIRA, 2015), analisei os meus cadernos de desenho. Meu objetivo principal, naquele momento, foi refletir sobre a profícua heterogeneidade presente nesses objetos, os quais congregavam esboços, escritos, projetos, colagens e outros.

Ao revisitar os cadernos, as narrativas oníricas ali presentes despertaram novamente a minha atenção e decidi empreender uma investigação mais aprofundada a esse respeito, dessa vez no âmbito do doutorado em Artes Visuais. Para uma maior compreensão a respeito dessa produção, vejamos como ocorreu, em linhas gerais, a realização da obra intitulada *Canção de ninar* (Imagem 1).

Cada um dos elementos contidos na pintura foi extraído de um sonho. Em um primeiro momento, passei em revista meus sonhários, relendo alguns sonhos e escolhendo alguns trechos para serem representados. Certos relatos continham esboços, os quais me auxiliaram a visualizar as imagens que comporiam a pintura (Imagens 2 e 3).

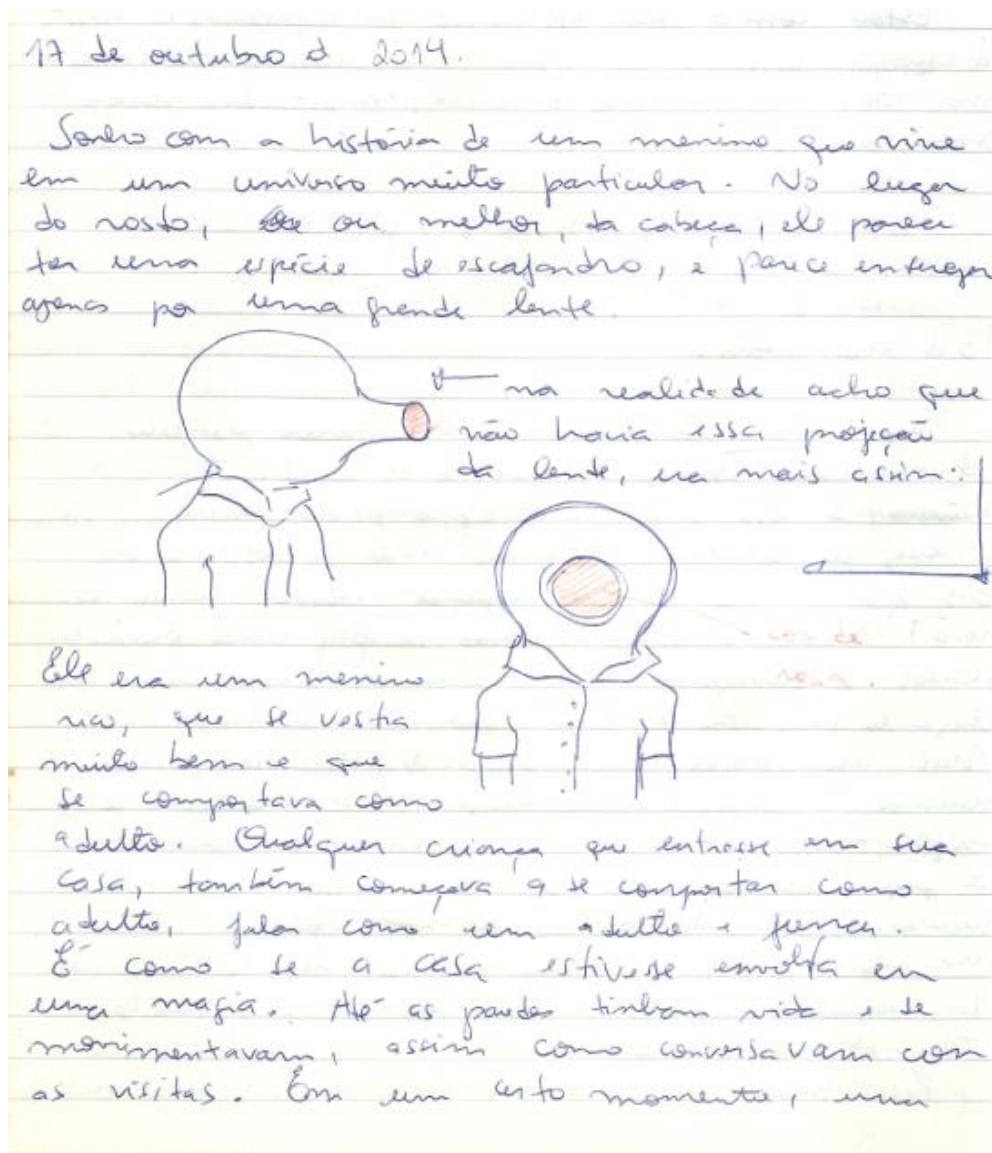


Imagem 2. Sonhário, 2014.



03 de julho 2015

(Estou comendo com muitos argentinos. Todos alunos de intercâmbio. Aproveito para treinar espanhol. Rachel e Mônica (do Friends, também estão por lá?). Uma criança pequena dorme em um pótio, ao lado de um grande jacaré branco e aparentemente sem escamas (ou seja lá o que um jacaré deve ter). O jacaré deveria estar morto, mas está vivo e a perseguir.

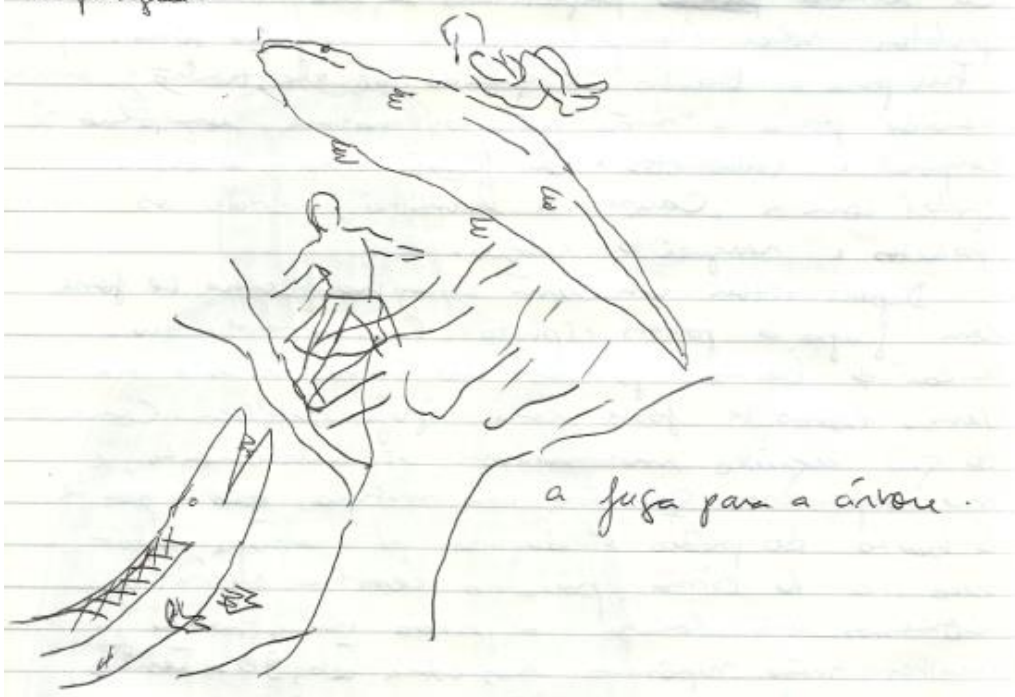


Imagem 3. Sonhário, 2015.

Após a escolha dos elementos a serem inseridos na pintura, desenhei cada um deles diretamente sobre a folha de papel que posteriormente receberia tinta. Além disso, prescindi de estudos prévios da paleta de cores a ser utilizada, pois o meu interesse era o de realizar a pintura da maneira mais espontânea e menos premeditada possível. Ao lançar mão desse recurso menos rígido para a realização da pintura, minha intenção era a de enfatizar a atmosfera incongruente e caótica presente em certos sonhos. Por isso, mesclei fragmentos de cenas e elementos de diversos sonhos que, ao serem justapostos, podem sugerir uma nova narrativa onírica.

Ainda que o trabalho com os sonhos envolva uma pesquisa sobre conteúdos inconscientes, esse material apenas será transformado em arte por meio de um esforço consciente. A cada uma das etapas da pintura o material onírico é alterado e aqueles detalhes formais e cromáticos que não consegui apreender por meio da escrita e do esboço (ou que desejo simplesmente alterar), são preenchidos pela minha



imaginação, sendo assim, se trata de um exercício de elaboração criativa inerente a própria produção artística.

Mesmo que muitas interpretações possam ser realizadas a respeito das imagens presentes na pintura, tanto do ponto de vista de um inconsciente pessoal quanto coletivo, me interessa menos o seu entendimento do que a imagem onírica por ela própria. Desse modo, percebo que meu maior desejo não é o de explicar o sonho, mas de celebrar, por meio da pintura, o seu mistério.

Considerações finais

De acordo com as pesquisas empreendidas por mim até esse momento, com exceção de alguns poucos exemplos na produção contemporânea, as discussões acadêmicas a respeito do sonho na arte se limitam ao contexto das vanguardas artísticas, sobretudo ao surrealismo.

Quer nos recordemos deles ou não, sonhamos todas as noites e essa experiência é compartilhada por todos. Logo, tudo aquilo que toca nossa humanidade encontra ressonância em nossas produções e pesquisas artísticas. Sendo assim, não creio que tenha havido um arrefecimento na temática onírica, mas que provavelmente ela esteja apenas eclipsada pelo peso histórico do surrealismo e, talvez por isso, muitos artistas não se ocupem dos sonhos por considerá-los demasiado circunscritos aos surrealistas.

Ainda que tais produções sejam emblemáticas na incorporação do sonho na arte; a arte atual, tão repleta de possibilidades inventivas, certamente é capaz de apresentar outros modos de explorar as referências oníricas, basta apenas que os artistas contemporâneos estejam dispostos a investigar essa temática. Em outras palavras, se em muitos campos do conhecimento para além das artes visuais, tais como na psicologia e na neurociência, o sonho continua sendo um tema a ser pesquisado, certamente a experiência onírica, no âmbito artístico, não terá encontrado seu ápice de interesse e seu esgotamento durante um movimento artístico, por mais emblemático que ele tenha sido. Acredito que há lugar para o sonho na produção artística contemporânea, basta devolver a ele sua relevância.

Referências

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CHILVERS, Ian. **Dicionário Oxford de Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CRARY, Jonathan. **Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.



DE MICHELI, Mário. **As vanguardas artísticas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**, volumes 1 e 2. Porto Alegre: L&PM, 2018.

MOLINA, Enrique. Surrealismo Novo Mundo. In: PONGE, Robert (org.). *et al.* **Surrealismo e Novo Mundo**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1999.

PEREIRA, Marcelo Eugenio Soares. **Acumular tesouros**: um olhar sobre os cadernos de desenho. 2015. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/131745>. Acesso em: 04 maio 2024

PONGE, Robert (org.). *et al.* **Surrealismo e Novo Mundo**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1999.